

## A Polêmica Alencar - Nabuco

---

RUBENS FALCÃO

O que sabíamos a respeito desse entrevero, que teve como palco as colunas de *O Globo* do ano de 1875, era muito pouco. Referências ligeiras da crítica indígena ao examinar a obra dos dois grandes espíritos — mais nada! Somente nos idos de 1966, como parte da Biblioteca de Estudos Literários, sob a direção dos Srs. Afrânio Coutinho e Celso Cunha, apareceram, na íntegra, os folhetins de Joaquim Nabuco ali estampados, juntamente com a réplica de José de Alencar. É um esforço meritório o que empreenderam os autores da iniciativa, que logo encontraram quem se dispusesse a lhes publicar o trabalho — as Edições *Tempo Brasileiro*.

O Sr. Afrânio Coutinho preparou para essa coletânea um substancioso estudo, que vem torná-la, para assim dizer, mais preciosa e mais rica: é a sua Introdução. Não foi um trabalho fácil o do organizador: “Não existindo originais manuscritos”, diz ele, “a reprodução teve que ater-se à publicação em jornal, apenas no caso do texto alencariano, tendo disposto dos recortes e trechos copiados à mão com as corrigendas do próprio romancista”. Depois de enumerar os critérios adotados, “espera prestar um serviço aos estudiosos e historiadores da literatura brasileira, propiciando-lhes melhor compreensão de um período crucial do século XIX”.

Nabuco era muito moço quando deliberou fazer o exame da obra do escritor cearense. Tinha apenas 26 anos e Alencar andaria beirando os 48. Nabuco acabava de regressar da Europa, vinha cheio de idéias e conhecimentos de quanto se produzira no velho continente no setor das artes. Como destaca o Sr. Afrânio Coutinho, o futuro autor de *Minha Formação* “estava encharcado de francecismo intelectual, a ponto de escrever uma língua que mais parecia francês traduzido, como lhe foi assacado na época”. No seu espírito tiveram influência decisiva as grandes figuras que, nos anos da sua estada fora do Brasil, agitaram o panorama europeu no âmbito da filosofia e da literatura. Regressando à pátria, assestou baterias contra o fundador do romance brasileiro, mais precisamente contra o brasileirismo de José de Alencar. Foi violento e injusto, por vezes cruel, como nobremente reconheceria mais tarde ao publicar o mais belo dos seus livros: “Travei com José de Alencar uma polêmica em que receio ter tratado com a presunção e a injustiça da mocidade o grande escritor, — digo receio porque não tornei a ler aqueles folhetins e não me recordo até onde foi a minha crítica, se ela ofendeu o que há de profundo, nacional em Alencar: o seu brasileirismo”. (*Apud* Afrânio Coutinho.) Nabuco pretendeu destruir um nome consagrado, negar-lhe qualquer valimento, a quase nada reduzir uma reputação obtida ao longo de uma existência de labor assíduo, fecundo e patriótico. Para ele, Alencar deveria ter sido apenas isto: jornalista; nunca teatrólogo, nunca romancista, nunca homem de Estado. Nenhuma dessas qualidades reconhecia no homem que, juntamente com o Macedo da *Moreninha*, era o ídolo das platéias fluminenses, o escritor mais querido e festejado de então. E perdendo por vezes o senso crítico apanhava, aqui e ali, passagens ao romancista, as quais, lidas isoladamente, não formavam sentido, não expressavam o pensamento do autor.

Nabuco iniciou os seus reparos pelo drama *O Jesuíta*, a cuja representação não assistira, mas soubera não haver alcançado êxito de bilheteria. O teatro “São Luís”, a casa pela metade, patenteara o insucesso do drama. A tais reparos, publicados sem a assinatura do autor, respondeu Alencar com

uma série de quatro artigos no mesmo jornal. Nabuco volta à carga com inusitada violência, ironiza o escritor, chega mesmo a recusar-lhe originalidade. A própria vocação literária do criador de *Iracema* é, para ele, uma incógnita... Mas Alencar, que jamais fugira a provocação de qualquer natureza, tendo esgrimido na tribuna e na imprensa com adversários mais poderosos, replica às quintas-feiras ao folhetinista domingueiro.

O prélio torna-se, assim, interessantíssimo. Nabuco a perder terreno, consoante o julgamento dos contemporâneos, porém ousado, brilhante, destemido, a revelar desde cedo o imenso talento e a combatividade incomparável que viriam um dia a ser postos à prova servindo as grandes causas nacionais.

Não colherá desilusão quem ler os documentos dessa polémica. Vale a pena conhecê-los, porque deitam luz sobre uma fase ainda obscura da nossa história literária de quase uma centúria.

São dois titãs que se defrontam.